

Ms. J. 12661

1918

Série de Notas sobre a Guerra

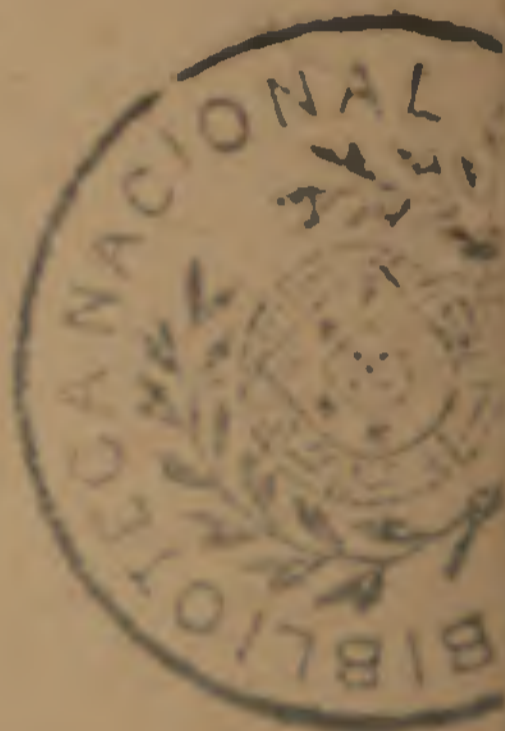
N.º 166

Col. 46

# A Liga das Nações e a Idéa Democrática

PUBLICADA PELO

Bureau da Imprensa Britanica em Lisboa



LISBOA

TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO COMMERCIAL

Praça dos Restauradores, 24

1918



# A Liga das Nações e a Idéa Democratica

PELO

Professor Gilbert Murray

Entre todos os maus aspectos que esta guerra tem revelado á nossa geração, nenhum ha mais horrivel nem mais geralmente sentido do que a escravidão de nações inteiras curvas á vontade de alguns poucos.

Não entra na minha tarefa discutir a origem da guerra actual. O julgamento da historia já está a meu ver irremediavente pronunciado; a guerra de 1914 foi uma guerra de ambição, imposta pelo governo alemão sobre um mundo que a não desejava. O que eu me proponho porém agora, é a discussão da guerra como simples facto, despreocupando-me de qualquer discussão sobre a sua «justiça» ou «injustiça» e a maior ou menor responsabilidade que pésa sobre qualquer dos lados.

Qualquer que seja o ponto de vista sob o qual se encare a presente guerra, certo é que milhões de homens em diferentes regiões do globo foram, sem terem para isso em nada con-

corrido, arremessados para uma luta que eles nem prepararam, nem desejavam, nem compreendem; e no decurso desta luta são sujeitos a sofrimentos que chegam ao limite da força humana, emquanto que aqueles por quem eles lutam só observam as batalhas a uma distancia conveniente ou ficam gloriosamente nas suas casas. Dizer isto não é condenar os governos das nações beligerantes. Na minha opinião entre eles ha alguns gravemente culpados e outros innocentes; mas ainda mesmo que todos fossem culpados ou innocentes em nada mudam a situação. O facto indiscutivel é que nas actuais condições de organização politica e soberania nacional, a vida, a liberdade, a propriedade e a felicidade do individuo está á absoluta mercê de algumas pessoas que ele nunca viu e que se envolveram em complicadas lutas que ele completamente desconhece. Não ha hoje em dia na Europa inteiro operario ou trabalhador, solitario rachador de lenha ou pastor perdido entre as montanhas, que embora acate e respeite todas as leis divinas humanas esteja livre de que um dia por um decreto legal não seja arrastado para um castigo mais cruel do que os que se reservam aos maiores criminosos. Se não morrer, pode ficar mutilado, cego, aleijado para o resto da sua vida, os seus negocios ruinados, a familia reduzida á miseria, o seu lar destruido. Ainda ha mais. Perderá não só a felicidade mas a innocencia tambem. Ver-se-ha obrigado a praticar actos que a sua consciencia reprova. Entregar-se-ha

ao trabalho de assassinar homens iguais a ele e como ele completamente inocentes. E isto tudo não por sua culpa nem por sua vontade.

Realmente, quando o cidadão é chamado a defender a sua patria e a combater por ela, o apelo é-lhe em geral apresentado sob um ponto de vista que o impele em geral a corresponder com uma lealdade instinctiva. Agrupa-se em volta da bandeira e combate com coragem. Mas esta confiança inocente das victimas não diminue a hediondez moral da transacção. O mal é sem duvida maior e mais flagrante quando um judeu russo ou Tchech, Croato ou Schleswiger é obrigado a combater e morrer pela causa que detesta; duvido porém que seja mais repelente do que o mal feito a estas vitimas voluntarias em todas as nações, tão simples mas tantas vezes tão vilmente enganadas. Não quer isto dizer que todos os homens de estado, responsaveis duma guerra, sejam infames. Com certeza o são aqueles que realmente foram causa dela. Os homens que serenamente planeiam guerras para satisfazer a sua ambição ou a da sua nação são ainda mais culpados ao considerarmos o verdadeiro movente da sua acção. Porém embora o homem politico possa ser em certos casos inocente, o prejuizo causado á humanidade não deixa de ser o mesmo. Acontece algumas vezes que alguns factos historicos levam duas nações a uma tal colisão de interesses nacionais ou a conflitos de honra que nas condições actuais eem forçosamente que recorrer á guerra. Em asos assim talvez que um maior dispendio de re-

flexão tivesse encontrado maneira de se evitar a luta; guiando-nos porém pela opinião vulgar o estadista que por uma causa justa declara a guerra não merece censura ainda mesmo que o resultado desta sua acção venha espalhar misérias inumeras sobre inteiros continentes.

Resultaria disto, a meu ver, não só que a guerra é um monstruoso flagelo para a humanidade em geral, mas também que os principios sobre os quais se baseiam as questões de Guerra e Paz se resolvem hoje em dia, na maior parte dos casos como uma hedionda injustiça para com os povos. Facilmente se comprehende o que os revolucionarios socialistas querem dizer, quando asseveram que todas as guerras são feitas por um punhado de «capitalistas» e «sugadores do sangue do povo» e que povo algum se fosse consultado, declararia uma guerra.

O socialista filosofo, especialmente depois de analisar o que acontece na Russia e nos Imperios Centrais levará mais longe esta teoria. Se analisarmos embora superficialmente quais são as tendencias que provocam a guerra, ele não dirá com certeza que estas tendencias estão restritas a uma classe da população, mas que pelo menos em parte consistem em «sordidos interesses» e que estes interesses florescem mais entre os ricos do que entre os pobres. Com certeza isto não implica que pelo facto de um homem ter um «sordido interesse», seja necessariamente guiado por ele. Ha milhares de motivos a contrabalançá-lo: motivos de consciencia, de honra, de opinião publica, de habitos

adquiridos, que entre os membros decentes duma sociedade medianamente decente sobrepõem-se aos «sordidos interesses» e os aniquilam. E' interesse do medico que rebentem epidemias, dos agentes funerarios que os casos sejam fatais, mas não podemos acusar os membros destas duas profissões de procurarem atingir os seus fins. Ainda assim, «discutirá o nosso socialista», os interesses sordidos lá estão sempre, fonte de perigos possiveis. Numa sociedade incorrupta e completamente desarmada não causariam eles prejuizo algum, mas se uma vez o veneno penetrar no sistema começará a agir.

O sordido interesse mais usual é aquele das fabricas de armamentos. Devemo-nos lembrar das descobertas que se fizeram em 1913, e que revelaram como a casa Krupp, por exemplo, possuia jornais — um deles fingindo-se socialista — que usava em favor dos interesses proprios. Isto já era pouco correcto. Mas eles possuíam tambem jornais francezes, tinham agentes na imprensa russa e assim conseguiam manejar á sua vontade a imprensa além das fronteiras. Isto era claramente infame. Pode-se difficilmente acreditar que após a guerra este estado de coisas continue a ser tolerado em qualquer sociedade que se respeite.

As fabricas de armamentos pertencem a grandes companhias comerciais que ficariam arruinadas se as nações gozassem longa e segura paz, emquanto que realisam fortunas consideraveis assim que ha receio de guerra e

chegam então as fortunas colossais quando a guerra rebenta. Em poucas palavras, aqui temos nós um grupo de homens, e um grupo poderoso, que está sujeito a uma enorme e perpetua tentação de se aproveitar da miseria doutras creaturas e que tem toda a facilidade de o fazer secretamente.

Além disso, apesar de que as finanças e commercio tenham em geral sofrido bastante pela guerra, é notorio que muitos particulares e companhias teem accumulado grandes fortunas tanto nesta como em outras guerras, não é provavel que nenhum deles não estivesse para isto prevenido. Alguns, com certeza, ficaram surpreendidos com os lucros imprevistos e ninguém pode nem por um momento asseverar que pelo facto de uma casa de commercio ter ganho com a guerra os seus directores desejassem a guerra. Evidentemente porém, existe um numero de interesses monetarios para os quais uma declaração de guerra, significa prosperidade e successo. Outro «interesse sordido» se encontra entre os profissionais do exercito e marinha. Isto não é dito em desabono dos soldados ou marinheiros; quer simplesmente dizer que a natureza deles é humana. Educar um homem para o exercito, acostumá-lo a trilhar um caminho que se lhes afigura o mais emocionante e glorioso da vida, habituá-lo á idéa de que a guerra lhe proporcionará os meios de se salientar na sua profissão e elevar-se talvez da obscuridade á mais deslumbrante forma de gloria que a humanidade conhece, fazer isto tudo e



supôr que este homem não deseje a guerra, é sem duvida pretender demasiado da natureza humana. Sem duvida, um soldado consciencioso trabalhará muitas vezes para evitar a guerra. Um soldado experiente muitas vezes lastima mais do que um civil os horrores da guerra. Mas é suficiente em tempo de paz falar intimamente com alguns jovens oficiais para compreender como os seus espiritos se exaltam com a idéa de pôrem em pratica a arte á qual dedicaram as suas vidas.

Sem duvida acontece o contrario com a maior parte dos milicianos sejam voluntarios ou conscritos. O soldado provisorio tem que fazer todos os sacrificios sem receber quasi recompensa alguma. No maior numero de guerras, são os mais elevados em postos que teem mais que esperar e menos que sofrer.

E os estadistas? O nosso critico socialista não os poupará. O estadista não tem amigos. Se fôr rasoavel, admitirá que entre os homens de estado que conheceu pessoalmente encontrára tanta habilidade, força e grandeza de character quanto nas outras profissões. «Mas, sofismará ele, o estadista lida habitualmente em tão vastos planos e tem que conservar a sua calma entre tão variado fluctuar de sofrimentos humanos, que a sua opinião em tais assuntos, torna-se forçosamente inhumano. Se uma das nossas tarefas quotidianas fosse o assinar sentenças de morte, não ficaríamos com certeza emocionados, por cada uma que assinassemos. Lembremo-nos tambem que a carreira do esta-

dista oferece recompensas deslumbrantes e por conseguinte é atractivo especial para o homem ambicioso; e consideremos depois que tentação será para este individuo que anheia por um logar saliente na historia a probabilidade de uma guerra vitoriosa. Este homem, como os Milesios do proverbio grego, «se não é um demonio, pratica acções do demonio».

São estas considerações que explicam juntamente os apaixonados protestos que surgiram contra a guerra e aos fautores da guerra do lado dos partidos democratico e socialista da Europa, e a crença enraizada de muitos pacifistas de que a democracia pura e simples é o unico antidoto contra o veneno da guerra. «O povo», dizem eles, «sempre igual em todas as guerras, comprehende que não é ele quem a provocou; nela se encontra envolvido. A guerra foi preparada em segredo por um reduzido numero de homens ricos e poderosos — com certeza não por todos os ricos e poderosos, mas por um pequeno grupo deles — e só revelada ao povo quando era demasiado tarde para recuar. E quem quer que seja que vença a guerra, o comum do povo sempre tem que perder, sem duvida perderá mais no caso que a sua nação fique derrotada, mas sempre tem que perder. A sua tarefa consiste simplesmente em suportar o cargo; combater e ser morto, sofrer e continuar a sofrer, enlouquecer ás vezes pela continuação do sofrimento, ao passo que pessoas eminentes, em logares relativamente seguros pronunciam discursos comovedores a respeito

da sua coragem instintiva e heroísmo descuidado. Quem lucra com isso afinal são algumas duzias de politicos, umas centenas de soldados e aventureiros e alguns milhares de contratantes e fabricantes de munições.»

Considerando estas palavras o remedio parece simples. «Deixemos que o povo dirija a sua politica. Acabemos com a «diplomacia secreta», com os tratados secretos, com os conclaves, acordos e negociações. Que todas as palavras que se enunciem, cada decisão tomada, seja do conhecimento publico.»

O ponto fraco deste programa descobre-se facilmente. Em primeiro logar para ser levado a efeito deveria ser aceite por todas as nações. Não pode ser unilateral. Seria demasiadamente perigoso ter uma diplomacia descoberta na Gran Bretanha e na America, ao passo que na Alemanha continuaria secreta. Mas além disso, existe uma confusão na interpretação da frase «diplomacia secreta», porque não estabelece distinção entre a negociação e o resultado da negociação. Os tratados secretos podem-se facilmente evitar, pelo menos em tempo de paz, e na realidade a Gran Bretanha tem-os resolutamente evitado durante o seculo actual. E apesar disso estamos envolvidos numa guerra. Evitar negociações secretas porém, é coisa muito diferente e a meu ver completamente impossivel. Dois diplomatas não poderiam então discutir qualquer questão internacional sem estar na presença de alguns reporters. Esta lei aniqui-

laria os negocios. Ha situações delicadas que devem ser discutidas em particular para não resultarem em rompimento declarado. Se se promulgasse uma lei para impedir que os estadistas pudessem consultar sem disso informarem a *Kölnische Zeitung* e o *Daily Mail*, sem duvida que estes diplomatas encarregariam amigos seus de se encontrarem particularmente em seu logar. A idéa é impraticavel.

Mas o erro fundamental jaz mais fundo. Convencermo-nos de que a guerra que não só prejudica o povo, mas tambem constitue um ultraje á liberdade humana possa ser banida do mundo, só pelo facto de reduzirmos a democracia internacional, é a meu ver uma dedução ilógica.

Se a guerra dependesse completamente dos interesses dalgumas classes ou se emanasse só da avareza ou da ambição, esta teoria apresentaria alguma verosimilhança (apesar de que devemos admitir que entre os ricos ha grande numero de pessoas que teem sofrido cruelmente por causa da guerra), emquanto que entre os pobres muitos teem ganho bastante com o estado actual da politica. Mas é bem claro que existem outras causas influentes. As guerras surgem tanto das paixões nacionais e da ignorancia como de planos egoistas. E no maior numero das guerras recentes encontramos tanto frenesi guerreiro nos comicios populares como nos salões e clubs da plutocracia. A moderna idolatria da classe operaria não é menos louca do que qualquer outra idolatria. As virtudes do

homem não variam conforme a classe a que pertence nem o rendimento que possui; não varia nem em razão directa, nem inversa, e simplesmente considerar esta influencia como existente, só serve para obscurecer o argumento.

Sem duvida se nos referimos aos chefes das classes trabalhadoras em toda a Europa encontramos neles um magnifico «record». Isto acontece porém porque as classes trabalhadoras, como em geral qualquer grupo, são dirigidas pelos idealistas que a elas pertencem e não pela vulgaridade dos seus componentes. Ninguém que assista ás Conferencias Socialistas ou ao Congresso da União Operaria, ou a qualquer outra reunião da élite da classe operaria na Gran Bretanha deixará de notar nestas reuniões a grande corrente idealista que nelas predomina. E creio que este facto se dá em todas as outras grandes nações. Em tais reuniões o auditorio interessar-se-ha sem duvida nos projectos para aumento de salario e redução de horas de trabalho, mas o que lhe despertará o entusiasmo será alguma causa grandiosa ou ideal. Realmente, a não ser que eu me engane grosseiramente, posso asseverar ainda mesmo quando a discussão parece basear-se sobre assuntos materiais, o sentimento intimo do auditorio se ocupa dalguma idéa bem diferente.

Eles não pensam no «pão e festas» mas os seus espiritos preocupam-se em ideais embora rudimentares da construção duma Nova Jerusalem. Juntamente com outros grandes ideais

crêem intensamente na Liberdade e Paz. Isto assim acontece em parte porque as sociedades a que me refiro, União Socialista, União Operaria, Associações Liberais e Radicais Operarias, teem em todas as nações democraticas uma atmosfera idealista. Deixam-se levar pelos espiritos mais elevados da sua classe, que em muitos casos concordam com os espiritos elevados das outras classes. Não resta duvida de que o odio do operario pela guerra torna-se mais intenso em razão dos interesses de classe e isto torna o desejo de paz mais veemente entre esta classe do que entre os favorecidos pela fortuna. Mas, as multidões operarias nos campos de corridas, nos desafios de foot-ball, nos cafés, nos «music-halls» não são sensivelmente mais pacifistas, nem teem espiritos mais elevados do que os ricos em mesmas ocasiões.

De vez em quando na historia da humanidade tem aparecido teorias tendentes a glorificar o proletariado, não só o operario ou o artista, mas tambem o pária, o deserdado, o oprimido. O seu ultimo rebento é o «Bolshevismo». O proletario no sentido absoluto da palavra, designa a indistinta massa de povo que fica permanentemente nos baixos fundos da sociedade, emquanto que outras pessoas conseguem ajuntar economias, mostram habilidades, criam uma reputação, estabelecem um comercio, ou de qualquer maneira precavêem-se com alguma segurança contra o futuro. E o terreno para os glorificar é simplesmente o desespero da natureza humana. O teorico Bolshevik observou que

não são só os reis, os padres e os soldados que oprimem a comunidade; em toda e qualquer sociedade cada classe oprime a classe que lhe fica inferior. O capitalista oprime o pequeno comerciante, o burguez oprime o operario, o artista habil oprime aquele que não possui igual habilidade. Por consequencia, continua ele dizendo, a unica maneira de evitar a opressão é colocar o poder nas mãos da classe mais baixa. Só eles são inocentes, só eles não podem oprimir ninguém.

O que é porém indiscutivel é que no momento em que se lhes entregasse o poder, o «proletariado» mudaria de caracter social. Tornar-se-hia uma classe dirigente, só diferente das outras classes dirigentes em numero e talvez possamos ajuntar, por uma extraordinaria falta de inteligencia. Encontrar-se-hia exposta a todas as tentações particulares das classes dirigentes e estariam singularmente mal preparados para lhes resistir. As suas leis seriam ineficazes para evitar a guerra assim como qualquer outro caso.

O erro fundamental da teoria de Bolshevik ou dos teóricos «sansculotte» reside a meu parecer na sua consciente ou inconsciente aceitação do egoismo de classe como natural e inevitavel base do governo humano. Se toda a classe dirigente deve em pratica governar conforme os proprios interesses, então bom será que a classe mais numerosa seja a dirigente; mas a hipótese em si é tal que destrua toda a esperança no futuro da humanidade. Aceitá-la seria

um crime contra o espirito supremo da democracia. A doutrina essencial da democracia é que cada homem, como alma livre, viva livremente servindo a humanidade inteira. Este ideal é com certeza algo difficil de se atingir, porém não é difficil visar a ele. E' o unico ideal possivel para qualquer sociedade que se libertou das leis do habito ou do direito divino dos reis. Em certas cidades da antiga Grecia, o cidadão antes de dar o seu voto, jurava na presença dos deuses que ele votava conforme a sua consciencia lhe indicava ser para o bem da cidade. Esta é ainda a maneira como o bom cidadão deve votar e como em geral ele vota.

O exterior da democracia como forma de governo pode-se obter facilmente, instituições parlamentares, sufragio universal, abolição de privilegios etc. Mas não se atingirá o espirito da democracia emquanto o cidadão em geral não dedique tanta lealdade para com a inteira população como o antigo realista dedicava ao seu rei. E' este sentimento que é o mais necessario para edificar uma organização capaz de impedir a guerra.

Isto é o que nós mais precisamos. Não é bastante confiarmos na presença de prudentes diplomatas, eles podem ser facilmente contrariados pelos loucos. Não é sufficiente collocá-los debaixo da autoridade democratica, nem afastar os motivos sórdidos que procuram a guerra e as causas que tornam as questões mais difficis do que elas deveriam ser. Tudo isto é bom mas não é bastante. A guerra não nasce sem-



pre da maldade ou da loucura. Algumas vezes surge pelo movimento e progresso. A humanidade não pára. Um povo progride enquanto outro declina. Expande-se um naturalmente numa direcção e encontra outro a cruzar-lhe o caminho. Os povos fortes e civilizados tendem a espalhar-se pelo mundo. Os povos incompetentes e pouco civilizados ao mesmo tempo tentam os fortes á guerra pela sua fraqueza e provocam-os pela sua turbulencia. As raças dominadas tambem progridem e reclamam a sua liberdade. Todas estas formas de progresso produzem situações que não podem ser resolvidas sem mudanças internacionais e até agora não se encontrou maneira de se efectuarem tais mudanças a não ser com o monstruoso mecanismo da guerra.

E' justo que a Italia esteja livre e unida; porém pode ela conseguir o seu fim sem recorrer á guerra? Como pode a America tornar-se independente? Como puderam os povos balkanicos sacudir o jugo dos turcos? Todas estas mudanças são sem duvida desejaveis e mais delas haverá para o futuro.

Quando esta necessidade de mudança surge dentro dos limites dum estado soberano, o maquinismo para a efectuar já existe, a difficuldade é bastante menor. Muitas colonias britannicas conquistaram o seu direito a governo autonomo, sem colisões graves. A Inglaterra aproveitou das lições que recebeu nos Estados Unidos e no Canadá. O progresso gradual da India alcançar-lhe-ha a autonomia talvez com muita difi-

culdade mas provavelmente conservando a paz. A Suecia e Noruega nestes tempos mais recentes deram-nos um grande exemplo duma separação sem luta que toda a Europa admirou.

Quando uma mudança iminente pode afectar os interesses de dois estados soberanos, é necessario muita diplomacia e circumstancias favoraveis para evitar uma luta. A divisão pacifica entre os Poderes, das «esferas de influencia» na Africa foi justamente considerada uma obra prima da diplomacia; mas ali os Poderes não tinham coisa alguma a ceder. Tratava-se simplesmente de delinear o mapa dos seus lucros futuros. Assim mesmo chegou-se muito perto da guerra. No fim do ultimo seculo foi necessaria a mais prudente e sabia diplomacia para que a França e a Inglaterra chegassem a um acordo sobre os mercados estrangeiros embora os pontos em discussão não valessem um só dia de guerra. Emquanto se elaborava o tratado de Utrecht, receou-se que a guerra arrebatasse porque numa clausula do antigo tratado de Utrecht a respeito dalguns direitos de pesca dos francezes não estava bem declarado se as lagostas são peixes. Doutra vez numa discussão sobre delimitação de fronteiras entre Venezuela e a Guiné ingleza em que os mapas não concordavam, parecia impossivel chegar a um acordo sem que se declarasse guerra entre a Gran Bretanha e os Estados Unidos. Tais guerras teriam sido uma loucura.

Com efeito estes actos de loucura foram evitados. Durante o seculo xix até 1914 tem sem-

pre aumentado o numero das dificuldades que se resolveram sem recorrer á guerra. Recorria-se ás conferencias diplomaticas, e quando estas falhavam, á arbitragem.

Em 1914 existiam já tratados especiais de arbitragem entre o maior numero das nações ocidentais, excepto a Alemanha, e não só os tratados mas o espirito de lealdade e de «cordeal compreensão» que nascera entre a Gran Bretanha e um grande numero doutras Potencias aumentaram imensamente a esperança da total cessação de guerras entre as nações civilizadas. Só faltava que a expansão da Entente chegasse a incluir a Alemanha e a Austria e completasse assim a união dos «dois grandes grupos», o que sempre fôra o principal proposito da politica de Sir Edward Grey.

Em lugar disso temos a grande guerra. Mas neste caso como aliás em muitas occurrencias da vida, a guerra apresenta-se-nos não como uma conclusão mas sim como uma interrogação tremenda. Voltaremos nós infinitamente para traz ou marcharemos decisivamente para a frente? Tornar-nos-hemos muito melhores do que hoje somos ou excessivamente peores? Deve ser uma coisa ou outra. Estamos pois obrigados ou a dedicarmos todas as nossas energias e recursos nacionais, toda a nossa sciencia, todo o nosso tempo, a prepararmo-nos para uma guerra proxima que deve sobrepujar em horror tudo quanto o mundo conheceu e deixar a civilização europeia envenenada se não morta, ou devemos por um esforço ponderado construirmos uma estructura

permanente de compreensão internacional que torne impossível a repetição de tais guerras? Para conseguirmos a primeira hipótese só temos que deixar-nos levar pela corrente, para conseguirmos a segunda devemos-nos erguer e lutar incessantemente.

O problema depende unicamente da nossa vontade e raciocínio. Qualquer pessoa inteligente compreende que qualquer estado europeu que continuasse a guerra dirigir-se-hia a sua completa ruína. O abismo abre-se bem visível deante de nós. Somos nós homens com o poder de pensar, governar-nos e dirigir-nos, ou pertencemos á raça dos carneiros de Panurgio incapazes de escolherem caminho por si próprios? A nossa posição assemelha-se áquela de um alcoólico que salvo uma vez percebe que deve deste momento em diante, abster-se completamente da bebida ou falecer. Em certo sentido a nossa posição ainda é mais melindrosa. Complica-se com o receio de que embora nós evitemos a guerra outras nações a não evitem. Se nos desarmamos, seja de repente ou gradualmente, outras aproveitarão a ocasião para nos assaltar. Se considerarmos esta hipótese parece que o menos que podemos fazer é conservarmo-nos preparados para a guerra, mas se começamos estes preparativos, com certeza os outros seguir-nos-hão o exemplo; assim começa a fatal emulação de armamento que arrasta a bancarrota gradual ou a uma rápida destruição.

Não nos resta outra coisa a fazer senão aceitar a cooperação. Devemos ceder uma parte da

nossa liberdade. Devemo-nos preparar a concedermos a um Congresso de Nações, o poder de decidir as questões duma maneira, assim diremos, mais caseira e comezinha. Devemos abaixar um pouco o nosso orgulho. E em paga alcançaremos o habito de nos entendermos amigavelmente com as outras nações em vez de usar para com elas um system de intriga hostil, e ver-nos-hemos livres do fatal dilema de incitar á guerra fazendo-lhe os preparativos, ou provocar os ataques pelo nosso desarmamento. Um certo numero de nações assim unidas, será bastante forte para repelir qualquer agressor, nenhuma delas por si só será bastante forte para ameaçar a sua vizinha.

A America está pronta a aderir á Liga. A America, a mais rica, a mais forte e a mais pacifica nação do mundo formaria o nucleo desta união. Sem duvida outros poderes ajuntar-se-hão a ela. Esperamos que esta Liga se tornará tão geral e poderosa que o facto de se não juntar a ela constituirá uma anomalia. A nação que ficasse fóra da Liga mostraria que, apesar de tudo quanto o mundo tem sofrido pela guerra, ela ainda a deseja e quereria edificar a sua fortuna á custa de outra carnificina. Esperemos porém não se encontre nação assim. Mas embora ela existisse não poderia de maneira alguma sobrepujar a Liga: só serviria talvez para a unir ainda mais, assim como os cidadãos honestos se unem contra os ladrões e os piratas.

Quanto ao maquinismo necessario, reduzir-se-hia provavelmente a bem pouca coisa: era

bastante ajuntar aos actuais tratados de arbitragem um paragrafo declarando que as nações que concordaram na formação deste tratado formarão de hoje em diante uma Liga com garantias mutuas. Até agora, se entre duas nações que estão ligadas ao tratado de arbitragem, uma se decide rasgar o contracto declarando guerra, não tem que pagar a penalidade da sua acção. Só tem um inimigo e este inimigo foi ela quem o escolheu. Mas, se na Liga existirem doze nações, o ofensor tem onze inimigos. Além disso numa Liga de muitas nações não existe o perigo, como na arbitragem separada, de duas nações apaziguarem as suas questões á custa de uma terceira. Ainda mais, esta Liga seria um órgão permanente, constantemente pronto a agir, e formando um maquinismo permanente. Não deveria ser chamado á acção só nos ultimos momentos de crise, como o antigo Concerto da Europa, nem a ele se recorreria só quando as questões se tornassem quasi irreductiveis. Nem deveria consistir como o Concerto de Diplomatas, cujo principal intento é falar dos interesses do proprio paiz. Deveria ser constituido de homens experientes e acostumados a pensar só no bem geral.

A maior parte dos planos propostos para uma Liga de Nações compréende a formação de dois corpos internacionais destinados a ocuparem-se das duas formas de fricção internacional que na presente época dão origem á guerra. Estas são: 1.<sup>a</sup>, as questões definidas de direito, prejuizos e compensações que podem ser discutidas por um tribunal judiciario e julgadas conforme princi-

pios legais; 2.<sup>a</sup>, certos choques de interesses ou de honra nacional que não podem ser resolvidos desta maneira, em particular aqueles já mencionados que se referem ao desenvolvimento da raça humana e expansão natural dos povos mais civilizados comparada com os povos menos civilizados. Estes choques de necessidades nacionais não podem ser resolvidos pela lei, nem mesmo pela arbitragem: exigem previdência e diplomacia.

Para a primeira classe de questões criar-se-hia um Tribunal de caracter judiciario formado de advogados instruidos e desinteressados escolhidos nas diferentes nações numa proporção mais ou menos fixa, mas não como representantes dos interesses da propria nação. Eles deveriam administrar a justiça sem embaraços de nacionalidade. A formação de um corpo assim constituido, não seria difficil. Este problema já foi resolvido na Haya.

O outro corpo apresenta ao mesmo tempo maior difficuldade, e sendo bem escolhido vantagens maiores. Algumas vezes tem sido considerado como um Conselho de Conciliação, outras vezes como uma especie de Parlamento Internacional. A sua missão não seria de julgar causas ou impôr decisões, ainda menos outorgar leis como o Tribunal, mas sim discutir de antemão os problemas de politica internacional e permitir que as nações se juntem num conselho geral e exercitem a previdência em comum. Deveria discutir as questões no seu começo antes que se tornassem perigosas e me-

lindrosas. Pela simples presença duma maioria calma e desinteressada conseguiria conservar a atmosfera desanuviada e razoaveis os contendores. Estes encontrariam menos dificuldade em aceitar a opinião de amigos comuns do que em submeterem-se á vontade do seu oponente. E finalmente apesar de julgarmos ser um erro a introdução de qualquer elemento compulsorio nas discussões ou recomendações do Conselho, existiria porém sempre a lembrança de que onde a opinião geral é clara sempre se apoia sobre a força. A nação que procedesse contra a politica do Conselho de Conciliação, sabe que mais tarde ou mais cedo tem que se defrontar com o Tribunal e atraz do Tribunal vem a sanção do «boycottage» economico, da excomunhão e finalmente duma guerra esmagadora.

Contra a missão deste Conselho levantou-se uma objecção interessante. Se os membros forem eleitos pelas proprias nações, como naturalmente devem ser, encontramos então no conselho simplesmente um certo numero de diplomatas, cada um representando a propria nação e pugnando em favor dela. E desde o momento que eles não teem a missão dum juiz que se apoia em leis claras e definidas, mas como politicos discutindo sobre politica diversa, a analogia da Haya não nos ajuda muito. «Imaginemos, diz o dissidente, um choque entre a França e a Alemanha. O representante da França falará em favor dos interesses da França emquanto que o alemão defenderá os interesses da Alemanha. Ambos esperam que os seus



amigos assumirão o papel de «padrinho brilhante» como a Austria o fez em Algeciras. E o resultado não seria justiça, nem coisa alguma que com a justiça se assemelhe. Não passaria duma luta encoberta. A questão viria finalmente a ser julgada pelos votos desinteressados dalgum estado dos Balkans ou da America do Sul conforme o desejo da nação que eles mais receiam. Como podemos nós obrigar qualquer nação poderosa a aceitar tal decisão?»

A esta objecção, que sem duvida é muito valiosa, respondemos com tres considerações:

1.<sup>a</sup> O character dos conselheiros eleitos. Não é impossivel nem mesmo difficil escolher entre cada uma das grandes Potencias seis ou mais homens dignos de confiança que possam discutir uma grande questão com um sincero desejo de chegarem a uma decisão leal sem influencia de interesse pessoal ou nacional. Desde já poderia eu nomear seis inglezes em quem deposito plena confiança e creio que poderia citar igual numero de francezes, americanos e escandinavos.

2.<sup>a</sup> Os membros do Conselho teriam constantemente em vista um motivo mais poderoso do que qualquer outro motivo de orgulho ou ambição nacional — a resolução de evitar a guerra. Escusado é dizer que este motivo se tornou cada vez mais poderoso desde 1914. Sem duvida a guerra pode actuar em dois sentidos ao mesmo tempo. Pode ter familiarizado um grande numero de homens com a idéa da carnificina. Pode ter dobrado ou triplicado a tendencia aos

crimes violentos. Mas com certeza no coração de todo o homem racional imprimiu com caracteres de fogo os verdadeiros característicos da guerra — o horror, a miseria, as incalculáveis perdas. Estamos certos de que, durante os vinte ou trinta anos mais próximos, quer dizer, enquanto o Conselho estará formando hábitos e fixando o seu character, os membros reunir-se-hão com sentimentos e propositos bem diferentes daqueles que formavam a base das antigas Conferencias Diplomaticas. Nos tempos passados os diplomatas chegavam ás conferencias cheios de antagonismo e com o espirito influenciado por variadissimas ambições nacionais; para o futuro porém este espirito, este movente, serão sobrepujados por uma unica idéa preponderante — evitar a todo o transe a ruina comum.

Como terceiro motivo voltamos finalmente á democracia. O nosso adversario afirma que qualquer dos delegados estaria exposto á pressão da opinião publica do seu partido — ao «chauvinismo», ao nacionalismo, ás finanças agressivas, aos preconceitos naturais, etc., etc. Ha porém muitas maneiras de os precaver contra estas influencias, assim como o estão os juizes. Mas sobretudo seria o dever do povo e especialmente dos seus dirigentes de proceder de maneira que a união nacional fosse uma realidade e não uma impostura.

Felizmente existem outras influencias que se dirigem já neste sentido. Os grandes problemas sociais e politicos já se expandem além

das fronteiras geográficas de cada nação. O capital e a industria tornam-se cada vez mais internacionais. Já num paiz qualquer o operario considera como assunto de importancia capital para ele as condições de trabalho e remuneração em que se movem os operarios doutro paiz. A sua sorte envolve a sorte de todos os seus companheiros de trabalho em toda a Europa. E isto refere-se tambem aos patrões e directores. As igrejas tambem, se querem conservar, a propria vitalidade tem que saber quais são os interesses das igrejas do mesmo Credo nas outras nações. Os filantropos, os moralistas de varios paizes estão cada vez mais tomando o costume de conferenciarem e obrarem de comum acordo. Num dos maiores problemas do futuro, o tratamento das nações sujeitas e das raças inferiores, é absolutamente necessario que os protectores dos indigenas se combinem para uma acção colectiva desde que os exploradores já formaram instinctivamente uma liga. Todas estas necessidades internacionais devem influenciar os sentimentos do publico e reflectir-se-hão na imprensa. O grande problema deve ser de facto simplesmente uma questão de economia, de industria, de principios e teorias politicas pois que ele não é senão uma simples luta de interesse e tornar-se-ha mais um conflito de classes do que conflito nacional.

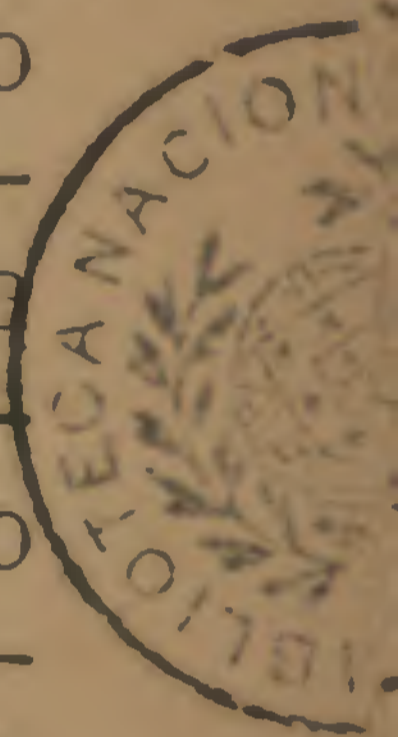
Esta tendencia deve ser ajudada e encorajada. Devem-se empregar todos os meios para evitar aquelas grandes aberrações que por orgulho ou ambição impelem brutalmente o ho-

mem para as lutas armadas entre nações. Esperemos que as disputas que para o futuro deverão ser decididas ante o Conselho de Conciliação nunca se tornem motivos para guerra entre nações que não são a isso levadas por qualquer principio, mas por rivalidade de aspirações. Eles conseguirão também um accordo entre o commercio livre e a protecção, entre a industria e a agricultura, entre o liberalismo e a reacção, entre o socialismo e o capital, numa palavra entre todos os grandes principios ou partidos que dividem actualmente todas as nações adiantadas. Estas dissensões podem acarretar lutas partidarias. Podem até levar-nos a lutas internas. Mas por muito exaltados que sejam os nossos sentimentos, ou graves os inconvenientes, devemos dominá-los, pois ceder-mos a eles só nos levaria á guerra. Nenhuma divergencia de opiniões ou mesmo de interesses, sejam eles politicos, sociais ou religiosos, se tornam fatalmente perigosos senão quando são entre dois estados soberanos, pois que são só os estados e não os partidos, ou igrejas ou grupos sociais que deteem as chaves dos arsenais.

O principio que deve resolver o problema da guerra não é a democracia, mas sim o internacionalismo. Ou se esta palavra parece envolver uma falta de dedicação á nossa patria acrescentaremos, não é a democracia nem o internacionalismo, mas a fraternidade. Devemos cultivar a fraternidade dentro de cada nação e entre as varias nações também. Parece loucura

falar de fraternidade no tempo presente em que metade do mundo se atira com odio selvagem sobre a outra metade. Mas os grandes males trazem consigo as grandes reacções. Todos os sentimentos de bondade, quasi de ternura que todos os bons soldados tantas vezes experimentam para com aqueles mesmos homens que os combateram e que suportaram os mesmos sofrimentos, podem-se facilmente espalhar pelo mundo e mais vastamente de quanto vulgarmente se supõe. A orgia de paixão nacionalista que a guerra veio despertar, persistirá em parte talvez, mas produzirá em parte tambem o seu antidoto. Sem duvida nesta guerra deram-se factos que ninguem entre aqueles que os presenciaram poderá perdoar. Mas uma geração passa rapidamente. A lava ardente arrefece gradualmente e fica coberta de relva e de flores. Queria eu ter tanta certeza na restauração da prudencia e rectidão nos negocios publicos da Europa assim como tenho numa reacção para a paz e amizade entre os povos. Na erecção duma Liga de Nações, assim como em todos os trabalhos de construção, não é só necessario a correcção de principios e boas intenções para assegurar-lhe o successo. E' mais uma questão de character humano e de humana sciencia.

Se um dia rebentasse uma nova guerra europeia, sobrepujaria em horror tudo quanto o mundo conheceu. Seria para esta guerra, assim como esta o tem sido para as antigas guerras dos nossos antepassados, que se nos afiguram



agora como pequenos incidentes, estranhamente cavalheirosas, ineficazes e quasi misericordiosas. A falta doutra razão um terrivel pavor levará as nações todas a procurar um refugio comum assim como os animais selvagens durante uma inundação abrigados num asilo comum se esquecem de lutar entre si. Mas, não rebaixemos a nossa natureza. Apesar das apparencias que hoje mostramos, somos um pouco melhores e mais mansos do que os tigres e as serpentes. E esta mesma guerra que abriu tamanho abismo de crueldade humann, revelou-nos tambem façanhas ideais não só de coragem fisica, mas de dedicação, de lealdade, de altruismo tambem. A verdade é que os homens que foram agarrados pelo turbilhão desta guerra são demasiadamente bons para levarem a vida que até aqui teem levado. São bons demais para servirem de «carne de canhão», bons demais para serem exercitados a enterrarem bayonetas nos intestinos de homens como eles ou para pizarem com botas ferradas o rosto dos seus semelhantes. Não é só o pacifista e o excêntrico que anhela por um mundo menos selvagem. Não é só o soldado pensativo, curvo sob o peso de sofrimentos intoleraveis, que dilacerado por um longo conflito entre deveres que lhe incumbem é forçado a cumprir os mais hediondos porque mais necessarios. E' o vulgar dos homens, das mulheres, o operario, o lavrador, o mestre, o creado, o comerciante que depois desta superabundancia de odio, aneia pela vida do amor, depois deste desperdicio de

crueldade bestial, procura na escuridão o alvo-rejar da misericórdia divina, após inolvidavel derramamento de maldade e crimes, supplica, cada um no seu intimo, o Espirito de Cristo.

Isto não é fantasia, são forças concretas e poderosas, que nenhun estadista despreza ou esquece. A fundação duma Liga de Nações não é questão de sentimento, é um trabalho de paciencia, de conhecimento das leis internacionais e do estado; mas aqueles que teem fé neste trabalho sentir-se-hão ajudados por estas esperanças e desejos. E aqueles mesmo que já perderam a fé nos principios tantas vezes iludidos e desacreditados da fraternidade, hesitarão talvez a rejeitarem a Liga. Porque se o caminho para diante nos mostra sómente uma esperança duvidosa, o caminho para traz é-nos vedado por um terror que não é duvidoso, uma certeza mais hedionda do que o mais horrivel pesadelo.

O scepticismo e a energia humana, são forças poderosas, porém estas considerações são sem duvida mais fortes.

